

Take da agência Lusa de 28 Abril de 2012

Angola: Descolonização ainda não foi "escalpelizada", diz autora Leonor Figueiredo (C/ÁUDIO)

*** Serviço áudio disponível em www.lusa.pt ***

Lisboa, 28 abr (Lusa) – A descolonização de Angola ainda não foi “escalpelizada”, diz a jornalista Leonor Figueiredo, que relatou em livro uma das “histórias por contar”, sobre o movimento estudantil angolano em 1974 e 1975.

“As questões da descolonização de Angola não foram ainda, de facto, escalpelizadas. Ignora-se muito ainda do que se passou”, afirmou, em declarações à Lusa, a autora de “Luanda 1974/1975 – O Movimento Estudantil”, versão para o público da sua tese de mestrado, que será apresentado na quarta-feira na Casa de Imprensa, em Lisboa.

“Esporadicamente, vai saindo um ou outro livro, de académicos, sobre a questão da descolonização de Angola”, mas “é um olhar ao longe”, normalmente centrado na oposição entre “os dois blocos, soviético e americano”, com Angola como “laboratório”, que “não se foca em pormenores que foram importantes”, realça.

“Aconteceu muita coisa que não se sabe” em 1974 e 1975, “anos muito particulares”. O movimento estudantil, que Leonor Figueiredo viveu de perto (morou em Luanda até aos 17 anos), “é uma” dessas histórias “com sumo” por contar.

O movimento estudantil em Angola foi “muito forte” naqueles anos, com “embrião na Universidade de Luanda”, mas alargando-se, depois do 25 de Abril, aos liceus, recorda.

Houve de tudo, “greves, manifestações, marchas, pancadaria, confrontos com a polícia”, mas o “movimento estudantil não pactuou com nenhum dos poderes, nem com o próprio MPLA” – Movimento Popular de Libertação de Angola, hoje no governo.

“Era uma juventude altamente comprometida para querer e fazer a independência de Angola, a favor do MPLA, mas que depois, no fundo, não foi aproveitada pelo próprio movimento, para ajudar a formar o país que nascia. Muitos deles foram presos e alguns mortos”, recorda.

Porém, Leonor Figueiredo considera que não se pode fazer pontes diretas entre o que se passou naquela altura e o que se passa hoje em Angola.

A autora recorda apenas, como “curiosidade”, que um dos dirigentes dos extintos Comités Amílcar Cabral, de inspiração maoísta, que influenciaram o movimento estudantil daquela altura, era Filomeno Vieira Lopes, “uma das pessoas maltratadas” numa das últimas manifestações contra o governo angolano.

O economista Filomeno Vieira Lopes, secretário-geral do partido da oposição Bloco Democrático, foi agredido e teve de ser hospitalizado numa manifestação antigovernamental realizada em Luanda, a 10 de março.

O que aconteceu a Filomeno Vieira Lopes leva a autora a constatar que “a semente que surgiu durante o movimento estudantil de 74-75 continuou de alguma forma”.

“Uma das particularidades em Angola foi que os liceus estiveram ocupados muitos meses, houve poucas aulas nesses dois anos letivos”, conta.

“A determinada altura, as portas abriram-se aos refugiados”, tanto os que “iam saindo das cidades do Interior”, a caminho de Luanda e depois de Portugal, ou os que em Luanda “ficavam sem casa” nos confrontos. “As salas de aula transformaram-se em camaratas, no refeitório havia famílias de desalojados a comer”, relata.

Para escrever “Luanda 1974/1975 – O Movimento Estudantil” – uma edição de autor, apoiada pelo Instituto de História Contemporânea e da ACLUS (Associação de Cultura Lusófona) –, a jornalista falou com antigos estudantes que vivem em Angola e em Portugal, mas não sem enfrentar alguns obstáculos.

Ainda “há muita gente que não quer falar, que é presidente de conselhos de administração e tem outras posições importantes, que ou fez um pacto de silêncio ou não quer recordar o passado, ou não quer ser relacionada com esse passado”, lamenta a autora de outros dois livros – “Ficheiros Secretos da Descolonização de Angola” e “Sita Valles (Revolucionária, Comunista até à Morte (1951-1977))”.

SBR.

Lusa/fim.